

FICHA TÉCNICA

Direção do Espaço MIRA
Manuela Matos Monteiro e João Lafuente

Direção artística
José Maia

Autor texto crítico
Joaquim Pinto

Assistente de Galeria/Press Officer
Patrícia Barbosa

Fotografia
Manuela Matos Monteiro e Patrícia Barbosa

Vídeo
João Lafuente e Patrícia Barbosa

ESPAÇO MIRA

Rua de Miraflor n° 159
Campanhã, Porto
929 145 191 - 929 113 431

contacto@espacomira.net
www.facebook.com/espacomirafotografia

Terça a sábado, das 15:00 às 19:00
Entrada Livre



com o livro do mundo ao lado

Carlos Mensil
Celeste Cerqueira
Paulo Jesus
Susana Gaudêncio

24 Jan - 21 Fev

PROGRAMA | com o livro do mundo ao lado

24 Fev | **com o livro do mundo ao lado**

16h Inauguração da exposição colectiva com Carlos Mensil, Celeste Cerqueira, Paulo Jesus e Susana Gaudêncio

PRÓXIMOS EVENTOS | ESPAÇO MIRA

28 Fev - 28 Mar

Exposição individual de Cristina Mateus

SUSANA GAUDÊNCIO | artista

Susana Gaudêncio, Artista Plástica, vive e trabalha entre Lisboa e Porto. É licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Terminou o Mestrado em Belas Artes no Hunter College, City University of New York em 2008, como bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Luso-Americana.

Expôs individualmente no Project Room do CAV (Centro de Artes Visuais) Coimbra, na Galeria Carlos Carvalho, Espaços do Desenho em Lisboa, na Galeria Presença no Porto. Participou em exposições coletivas em Groningen, Nova Iorque e Londres. Participou na exposição coletiva Artistas Portugueses Lá fora, no Museu da Electricidade, Lisboa.

Em Janeiro de 2009 realizou a exposição individual Houyhnhnm no Project Room da ISE Foundation, Nova Iorque.

Em Outubro de 2010, a sua obra fez parte da exposição ResPublica, no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Em 2012 expôs Época de Estranheza em Frente ao Mundo, no Project Room do Museu Nacional de Arte Contemporânea—Museu do Chiado, Lisboa.

Em 2013 participou numa residência artística no Museu da Luz, na Aldeia da Luz, apresentou os resultados na exposição A Natureza ri da Cultura, nesse ano participa ainda numa residência da Fundação EDP, e na exposição A Lei de Ohm, ambas no Museu da Electricidade, Lisboa. Em 2014, expõe individualmente no Centro de Artes das Caldas da Rainha, Estranhai o que não parece estranho.

Desde 2010 lecciona na Escola Superior de Arte e Design, IPL - Instituto Politécnico de Leiria, em Caldas da Rainha. Foi Coordenadora do Serviço Educativo da Trienal de Arquitectura de Lisboa 2010 e 2013, e da Bienal EXD'11.

É Doutoranda em Belas-Artes na Universidade de Lisboa, e bolseira da FCT (Fundação para a Ciência e Tecnologia).

JOSÉ MAIA | director artístico

Nasceu em Nampula, Moçambique, em 1970. Vive e trabalha no Porto. Licenciado em Artes Plásticas - Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Director artístico do Espaço MIRA desde 2013 e do Espaço Campanha entre 2008 e 2009. Comissariou exposições colectivas no Porto, Lisboa, Sintra, Coimbra, Braga, Guarda, Elvas Faro, Tavir e exposições individuais de Silvestre Pestana, Miguel Leal, Paulo Mendes, João Sousa Cardoso, Nuno Ramalho, Carla Filipe, Mauro Cerqueira, Eduardo Matos, entre outros.

Desde 1998 tem organizado ciclos de cinema, mostras de performances, debates, conversas, conferências e apresentações com criadores de diferentes áreas artísticas, curadores, artistas-comissários, críticos e investigadores.

Enquanto artista, Manuel Santos Maia expõe regularmente desde 1999.

Docente da Universidade Lusófona do Porto. Foi docente na Escola Superior Artística do Porto, IPF - Instituto Português de Fotografia e Balletatro.

CARLOS MENSIL | artista

Carlos Mensil nasceu em Santo Tirso, em 1988.

Realizou o Mestrado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto logo depois de concluir a licenciatura em Artes Plásticas (ramo de pintura), na mesma instituição. De momento, a trabalhar no Porto, continua a desenvolver vários projectos ligados às artes plásticas, bem como a participar em várias exposições. Expôs em 2013 individualmente no Silo Espaço Cultural (Porto) com a exposição “Um Espaço sobre outro Espaço”.

Das exposições colectivas destacam-se a “8ª Bienal Internacional de Arte Jovem” na Biblioteca Municipal de Vila Verde (2014); a “9º Prémio Amadeo de Souza-Cardoso” no Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso (Amarante, 2013) e a exposição “Recollecção, Diálogos de Pintura” na Galeria dos Leões (Porto, 2010).

CELESTE CERQUEIRA | artista

Celeste Cerqueira é artista e desenvolve trabalho na área das artes visuais. Possui o Mestrado em Artes Visuais – Intermédia pela Universidade de Évora com a tese “A interdisciplinaridade em algumas obras de arte contemporânea” (2007). Neste âmbito, a sua produção teórico-prática abrange novos recursos e práticas artísticas como a dinamização do grupo “What is Watt?” e mais recentemente, co-produziu a Bienal Virtual apresentada em Vila Nova de Cerveira e a Bienal de Gravura do Douro.

A sua prática artística, aborda essencialmente registos picturais, que incluem o questionamento a partir de factos reencontrados nos arquivos oficiais da Censura em Portugal entre 1933 e 1974. Neste encontro com a memória histórica, desenvolve estratégias de distanciamento e uma possibilidade de análise crítica sobre as acções sociais e o pensamento colectivo vigente. Ultimamente, tem aprofundado a mesma metodologia, aliando diversas pesquisas de informação de acesso pela Web aos suportes de desenho digitais, nomeadamente, as ferramentas disponíveis no Ipad.

PAULO JESUS | artista

Savigny sur Orge, França, 1979. Vive e trabalha no Porto

Licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, 2004.

Estudou pintura e vídeo na Norwich School of Art and Design no Reino Unido, 2004. Colabora como artista educador no Serviço Educativo do Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves desde 2010.

Em 2013 participou numa residência artística no 1ª Avenida, Porto e fez curadoria da 3ª Mostra Multimédia do projeto editorial Park, Edifício Axa, Porto.

Em 2014 apresentou “Álbum poético” exposição de livros de artistas, Árvore, Porto; Camuflado para a exposição “Como se o mundo tivesse que ser todo, de novo, reaprendido” Espaço Mira _ 40 anos do 25 de Abril, Museu Militar do Porto; Mural para a exposição “Álbum de Fotografias Portugal 1969 – 1979”, Mira Forum, Porto; Eye for na Eye em “Caminho entreaberto no ar” Momento II, Poste Vídeo Arte, galeria Extérial, Porto; I’ll be right back para a exposição “Uma memória maior que o mar”, Braga.

com o livro do mundo ao lado

O trabalho de Celeste Cerqueira forma-se a partir de um grande friso, oscilando no tempo e no espaço suspenso por ténues linhas, representando um percurso humano sem presença humana (à excepção das mãos, que lhe confere uma dimensão política evidente) atravessado pelos mencionados muros que separam a Arábia Saudita do Iémen, a Turquia da Grécia, os Estados Unidos do México ou o Estado de Israel da Palestina, as barreiras físicas do mundo habitado. A contensão dos elementos articula-se com a expansão do movimento de uma sequência que invoca a liberdade do cavalo, primórdio mítico da fotografia de Muybridge, e a inquietante spectralidade do cinema, num desdobramento que vai do pormenor até ao sentido total da obra, questionando a memória, a história e a ideia de comunidade.

Paulo Jesus apresenta um padrão constituído em forma de tríptico. O primeiro momento é uma projecção em vídeo de uma imagem fixa alternando entre o preto e branco e o registo a cores, que exhibe quatro mãos de uma gestualidade política óbvia e conscientemente activa: o punho fechado, símbolo do poder operário, a saudação fascista, o “v” de vitória celebrizado por Churchill e o dedo do meio erguido, invocando a anarquia, a desobediência e a resistência face a uma ordem instituída. O segundo momento estabelece a ligação umbilical e sempre instável e desequilibrada entre o primeiro e o terceiro e último através de um mural pintado a grafite, homenagem à pintura e ao trabalho manual, que irá descobrir no padrão final novamente a fotocópia de várias mãos unidas, numa instalação em side-specific, sublinhando a importância da coesão colectiva e a metáfora do mergulho no universo artístico como prolongamento da interpretação política do autor.

Art is not a lie, but is also not the truth.
Paulo Cunha e Silva

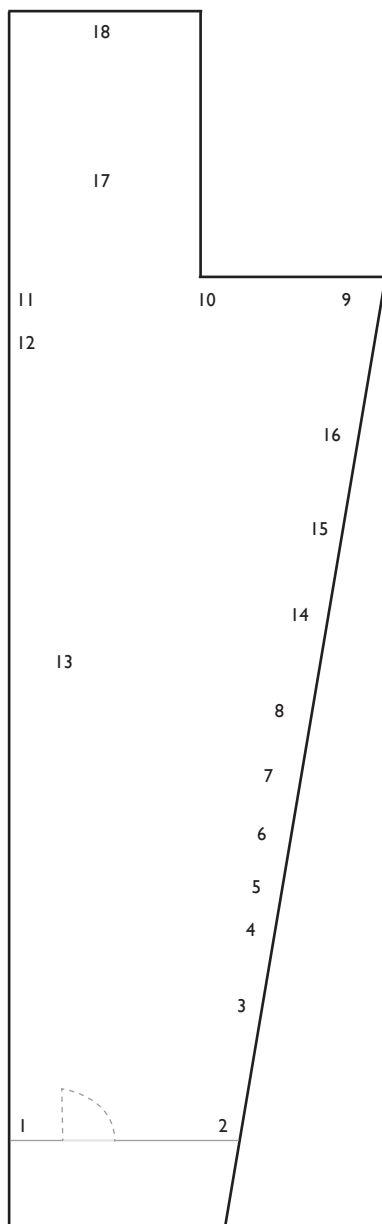
As múltiplas peças-fragmento apresentadas por Carlos Mensil exploram a ambiguidade, a ilusão, a cumplicidade da mentira, pretendendo repensar a própria pintura, os seus suportes e a própria ideia de representação dos objectos. Um conjunto de ready-mades inspirados na obra de Marcel Duchamp, referência fundamental para o trabalho do autor, iludem com eficácia o aparente poder da visão: os estilhaços de uma portada sem paisagem, um espelho que se trasveste de porta, folhas de papel produzidas em inox, um falso interruptor do qual brotam verdadeiros fios eléctricos. O engano da percepção, a problematização do real e dos seus materiais e a valorização do vestígio como guia leal para a interpretação são algumas pistas que permitem a compreensão deste trabalho.

“(…) Poderia o artista que não tem onde cair morto provocar tal tempestade?”
Alberto Manguel, Livrar-se dos artistas

Época de Estranheza em Frente ao Mundo baseia-se no desenho gravado a chapa de metal, na geometria euclidiana e no cinema de animação, para especular sobre a realidade da política como centro de decisão (a sala de negociação), as várias encenações do poder, a natureza, e a experiência do humano num tempo presente, de fuga e transição, que apenas a arte e a utopia podem redimir. Estruturando-se em três conceitos inaugurais, o de vórtice, o de mesa e do manifesto, desenvolvidos respectivamente em entrevista pelo filósofo Nuno Nabais, pelo geógrafo Álvaro Domingues e pela escritora/poetisa Hélia Correia, é possível entender o complexo horizonte deste trabalho. O vórtice é identificado pelo poeta latino Lucrécio no De Rerum Natura, propondo, sob a égide de uma perspectiva materialista, a negação de um destino pré-determinado e o anúncio de uma revolta da matéria enquanto desvio natural do movimento dos átomos (a tempestade enfatiza esse primeiro conceito). A mesa representa a matriz, a cartografia, o arquétipo no qual se pensa a sociedade, o território e a comunicação. O manifesto transforma o discurso político em poético, potencia o pensamento artístico, a linguagem estética e a liberdade de criação. E assim se vai entranhando e estranhando o mundo, em época de avanço científico e escassez de análise crítica.

Joaquim P. Marques Pinto

com o livro do mundo ao lado



Carlos Mensil

1. *Vestígio de Pintura*, 2010
Óleo sobre vidro, 70x31 cm
2. *Vestígio de Pintura*, 2010
Óleo sobre vidro, 70,5x38,5 cm
3. *Pescas ?*, 2014
Acrílico sobre madeira e resina de poliuretano, 3,5x34,5x36 cm
4. *Siemeses*, 2015
Óleo sobre chapa de inox
18,5x29,5x7 cm
5. *Não Tinha Formol Trouxe na Gaiola*, 2014
Óleo, jacto de areia e ponta seca sobre chapa de inox, 21x12x15 cm
6. *Processo de Maturação*, 2014
Óleo e jacto de areia sobre chapa de inox
20x15x16 cm
7. *Carta Aberta a Duchamp*, 2015
Óleo e ponta seca sobre chapa de inox
23x18x6,5 cm
8. *Atelier no Rés-do-Chão*, 2014
Óleo e ponta seca sobre chapa de inox
14x21x19 cm
9. *A Origem do Mundo*, 2014
Óleo e ponta seca sobre chapa de inox
21x21,5x10,5 cm
10. *Vestígio de Pintura*, 2014
Óleo sobre vidro e cabo elétrico
20x11 cm
11. *Vestígio de Pintura*, 2014
Óleo sobre vidro, 16x7,5 cm
12. *Vestígio de Pintura*, 2009
Óleo sobre vidro, 35,5x31,5 cm

Celeste Cerqueira

13. *Murros*, 2015
Técnica mista

Paulo Jesus

14. *Padrões I*, 2015
Projecção vídeo (cor, sem som), 15'30", loop
15. *Padrões II*, 2015
Pó de grafite, dimensão variável
16. *Padrões III*, 2015
Impressões p/b sobre papel, dimensão variável

Susana Gaudêncio

17. *Manifesto*, 2012
10 chapas de zinco, 40x30 cm
18. *Vórtice*, 2014 (re-edição)
animação vídeo HD, loop 6'30"